

# Representações sociais sobre o trabalho elaboradas pela população economicamente ativa de uma comunidade ribeirinha do rio Paraná

Dirlene Sponchiado<sup>1</sup>, Nádia Mara Eidt<sup>1</sup> e Eduardo Augusto Tomanik<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Psicóloga. <sup>2</sup>Departamento de Psicologia/Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência.

**RESUMO.** Como parte de um projeto integrado e contínuo sobre as condições ambientais e de vida em uma região ribeirinha do rio Paraná, o presente texto resume um processo de pesquisa a respeito das representações sociais sobre o trabalho elaboradas por dois subgrupos diferenciados da população economicamente ativa do núcleo urbano do município de Porto Rico, Estado do Paraná, Brasil. As conclusões apontam a necessidade de que as diferenças e outros processos psicossociais e econômico-ocupacionais que vêm ocorrendo naquela localidade sejam levados em conta nas tentativas posteriores de alteração conjunta daquelas condições.

**Palavras-chave:** representações sociais; trabalho, Porto Rico.

**ABSTRACT. Work social representations by a economically active riverine community of Paraná river.** As part of an integrated and continuous project about the environmental and human life conditions in a riverine area of Paraná river, the present text summarizes a research process regarding the work social representations carried out by two differentiated groups of the economically active population of Porto Rico City, state of Paraná, Brazil. The study leads to the conclusions that these differences and other psychosocial and economic occupational processes should be taken into future attempts to modify those social conditions.

**Key words:** social representations; work, Porto Rico.

## Introdução

### A região do estudo: condições ecológicas e ocupacionais

Porto Rico, local de nossos estudos, é um município paranaense situado às margens do rio Paraná, na região compreendida entre a foz do rio Paranapanema e o reservatório da Hidrelétrica de Itapu.

De acordo com Agostinho e Zalewski (1996), essa região abriga o último trecho, em território nacional, onde o rio Paraná não se encontra represado e mantém, em suas margens e ilhas, extensas planícies inundáveis. Graças a isto, nos períodos de cheia, os rios da região avançam sobre a planície, trazendo em suas águas grandes quantidades de nutrientes que ajudam na fertilização do solo e levando consigo matéria orgânica em decomposição, que serve como base alimentar para inúmeras espécies aquáticas da região. Além disso, as lagoas que se formam durante os períodos de cheia, e que permanecem praticamente isoladas dos leitos

principais dos rios durante os períodos de seca, têm importante papel no ciclo reprodutivo dos peixes.

Esses dois processos, além de inúmeros outros que ali ocorrem, tornam a área especialmente importante do ponto de vista ecológico, uma vez que se refletem na manutenção do equilíbrio ambiental de uma área que se estende muito além dos limites da planície:

*os estudos conduzidos pela Universidade Estadual de Maringá revelam que esta planície apresenta elevada diversidade biológica e que este remanescente de várzea do rio Paraná tem importância fundamental na manutenção de populações viáveis de espécies já eliminadas dos trechos superiores da bacia, especialmente entre os peixes de grande porte que realizam extensas migrações reprodutivas (Agostinho e Zalewski, 1996: 3).*

Para se ter uma idéia da diversidade biológica da região, segundo os mesmos autores, ali já foram identificadas cerca de 170 espécies de peixes, 60 de mamíferos, 298 de aves, 37 de répteis e 22 de anfíbios, além de mais de 360 espécies vegetais na planície. Agostinho e Zalewski (1996) alertam, ainda,

para o fato de que, segundo o Ibama, algumas das espécies de aves e aproximadamente 7% das espécies de mamíferos encontradas na região estão ameaçadas de extinção.

Historicamente, de acordo com autores como Rosa (1997) e Mota (1994), embora desde o século XVI sejam registradas incursões e, eventualmente, tentativas de fixação do homem “branco” na região, até perto do final do século XIX, a região vinha sendo habitada predominantemente por populações indígenas.

Após algumas tentativas pouco frutíferas de ocupação, realizadas no final do século XIX e início do século XX, finalmente, de acordo com Rosa (1997) e Tomanik *et al.* (1997a), migrantes, em sua maioria vindos dos estados do Paraná, São Paulo e Santa Catarina, fixaram-se na região de Porto Rico na década de 1950, graças a um projeto de exploração econômica, efetivado a mando do Governo do Estado do Paraná. Esse projeto visava a ocupação, o desmatamento e o preparo de grandes áreas de terra do nordeste do Paraná, divididas em pequenos lotes, para a cultura cafeeira.

Para os mesmo autores, uma vez que grande parte dos lotes foi adquirida por pessoas que não pretendiam fixar-se na região, os migrantes, de forma geral, engajaram-se como arrendatários ou parceiros nas terras recém ocupadas. Os sonhos desses novos moradores, na época, estavam concentrados na possibilidade de continuar atuando como parceiros ou na possibilidade de adquirir uma área para cultivo próprio. Apenas um grupo minoritário de migrantes era formado pelos proprietários dos pequenos lotes de terra.

De acordo com Rosa (1997), vários fatores, entre eles a implantação de uma política nacional de erradicação de cafeeiros, adotada devido à superprodução mundial de café entre 1955 e 1965 e processos acelerados de concentração fundiária em toda a região, fizeram com que o projeto de colonização fosse alterado, na prática, provocando uma reorganização das propriedades. Aqueles que trabalhavam como arrendatários tiveram que entregar as terras antes do prazo estipulado, com prejuízos. Já os que possuíam pequenos lotes tiveram que vender suas terras para proprietários mais abastados que, assim, passaram a concentrar as propriedades locais. Estes, por sua vez, passaram a investir basicamente na pecuária, o que fez com que aumentasse ainda mais o desemprego em toda a região.

Tomanik *et al.* (1997a e b) constataram que, em decorrência daqueles processos, os habitantes de Porto Rico sobrevivem hoje, por um lado, frente a

formas de exploração da região que vêm depredando gradativamente o ambiente e, conseqüentemente, comprometendo as atividades produtivas da população pesquisada.

Ainda em função das formas de ocupação e de exploração econômica da região, há escassez de postos de trabalho na mesma, sendo essa escassez determinante para o alto índice de indigência da mesma, que atinge cerca de 34% das famílias locais, de acordo com dados citados por Rosa (1997).

Para Tomanik (1997), os processos de ocupação das terras da região, além de produzirem o esvaziamento dos postos de trabalho reduziram, igualmente, a possibilidade de que a população continuasse extraindo seu sustento diretamente da terra ou da natureza, dentro de um sistema de produção voltado muito mais para a sobrevivência da família do que para o acúmulo de outros bens materiais que não os necessários para esta sobrevivência e para o trabalho. Esse sistema tradicional de produção, típico das famílias que ali chegaram naquele período de ocupação planejada, implica, além das características já citadas, em um grau considerável de autonomia de seus participantes, bastante diferenciado das ocupações assalariadas típicas dos meios urbanos atuais.

Segundo Tomanik *et al.* (1997a), apesar de não conseguirem encontrar formas de atividades que garantam, de maneira satisfatória, os ganhos necessários para o sustento de si e de seus familiares, ainda existem, no local, pessoas que procuram obter sua subsistência através das formas tradicionais de trabalho.

Outra parte da população deixou de atuar de forma tradicional e adaptou-se ao mercado de trabalho tipicamente urbano. De acordo com Tomanik *et al.* (1997a), a Prefeitura Municipal e outros órgãos públicos são, hoje, os maiores empregadores da população do núcleo urbano de Porto Rico. Além do serviço público, existem, na localidade, outras formas de trabalho que não se encontram diretamente ligadas à terra ou à natureza, como, por exemplo, a atuação em estabelecimentos comerciais e de serviços e, para as mulheres, a atuação como domésticas, babás ou lavadeiras.

Preocupados com essas condições: de um lado, a imensa riqueza natural ameaçada e, paralelamente, a pauperização econômica, há cerca de dez anos diferentes grupos de pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá vêm procurando estudar e atuar na região. O primeiros deles foi o Nupelia (Núcleo de Pesquisas em Limnologia, Ictiologia e Aquicultura), realizando estudos que envolvem comunidades biológicas e aspectos ambientais, tanto

nos leitos quanto nas margens dos rios e lagoas da região. A ele veio somar-se o Gema (Grupo de Estudos Multidisciplinares do Ambiente), voltado para os aspectos geográficos-geológicos e físicos-químicos da natureza.

Já o Gesa (Grupo de Estudos Sócio-Ambientais), do qual fazemos parte, e que integrou-se, posteriormente, aos trabalhos realizados naquela região, tem, entre os seus objetivos, o estudo das comunidades humanas e das relações destas com o ambiente, com os processos de ocupação e de degradação que este vem sofrendo e a busca da melhoria das condições de vida dessa população, através da formulação de estratégias que incluam, além deste objetivo, a conservação e a reconstituição ambientais.

### Fundamentos teóricos

Uma das linhas de estudos desenvolvidas pelo Gesa na região tenta detectar e compreender as representações sociais sobre o ambiente e as condições de vida elaboradas pelos grupos locais, especialmente aqueles que vivem em situação de contato e de dependência mais diretos com as condições físicas e biológicas do ambiente.

Para Leme (1993: 51), as representações sociais podem ser definidas, de forma genérica, como

*teorias que as pessoas têm sobre a natureza dos eventos, objetos e situações em seu mundo social.*

De acordo com Tomanik *et al.* (1997b)

*as Representações Sociais são as formas como o ambiente (entendido aqui tanto como o conjunto de fenômenos físicos quanto como a multiplicidade dos processos sociais) vivido por um indivíduo ou grupo é repostado por ele no presente de forma a orientar e a possibilitar as ações individuais e ou coletivas (1997b:259).*

Segundo Leme (1993), as representações sociais são construídas na interação do indivíduo com o grupo a que pertence, assim como por meio dos contatos do indivíduo com outros grupos sociais. Elas são elaboradas quando indivíduos pensam conjuntamente a respeito de um mesmo objeto ou fenômeno. Para isto, dependem fundamentalmente do estabelecimento de processos de comunicação. Em outras palavras, as representações sociais são as formas pelas quais os indivíduos desenvolvem e expressam suas idéias, conceitos e valores acerca de determinado objeto ou fenômeno, ao mesmo tempo em que apreendem conceitos, idéias e valores dos demais integrantes do grupo social a que pertencem, ou de outros grupos sociais.

Para Leme (1993), as representações sociais são criadas no intuito de tornar familiar aquilo que até então era desconhecido, aumentando a capacidade de interação entre indivíduos e, consequentemente, facilitando as relações interpessoais. Através das representações sociais, o ser humano pode entender os objetos e fenômenos existentes, dando-lhes nomes e significados que os tornem compreensíveis e úteis ao grupo, em suas ações cotidianas.

Segundo Duarte Júnior (1984) o homem só pode pensar no que seja capaz de atribuir um nome. Da mesma forma, somente a partir do momento em que determinados fenômenos ou objetos passam a ser pensados, elaborados ou re-elaborados coletivamente (ou seja, representados socialmente) torna-se possível a construção de uma realidade social comum.

De acordo com Berger e Luckmann (1985), o tempo e o esforço dedicados à construção de conhecimentos acerca de determinado fenômeno ou objeto estão diretamente relacionados com a importância que esta informação tem para a realidade da vida cotidiana do indivíduo, e de seu grupo.

O grupo social vai construir suas representações sociais como forma de compreender os objetos e fenômenos que compõem o ambiente no qual está inserido. De forma inversa, o estudo de suas representações sociais permite a compreensão da realidade compartilhada pelos grupos.

De acordo com Tomanik (1997)

*o destaque atualmente dado às questões sobre a preservação da natureza e às condições de vida do homem traz (...), inevitavelmente, para as Ciências Sociais, indagações sobre qual natureza se quer preservar e qual homem se quer beneficiar, uma vez que ambos não são 'dados', mas elaborações que podem apontar para objetivos e ações diferentes, na medida em que respondam às expectativas e anseios imediatos de grupos diferenciados quanto às suas vivências, relações e interesses (...). Estudar as Representações Sociais de um grupo é, então, uma forma de desvendar a 'realidade' tal como socialmente instituída por este grupo e assim compreender suas ações e reações. Esta compreensão, por sua vez, é indispensável para a elaboração de alternativas de ação para e com o grupo, em face da problemática vivida por ele (1997:417; 418).*

Ora, a atividade produtiva é um dos elementos mais importantes para a elaboração das representações sociais. Isto justifica que o trabalho seja tomado como uma categoria de destaque nos estudos que pretendem compreender aquelas elaborações, ainda mais frente à uma situação em que as possibilidades de ocupação profissional são

tão escassas e se integram em um ciclo complexo de produção de miséria.

### Objetivos e procedimentos

Frente a essas condições, o projeto de pesquisa que deu origem ao presente relato teve como objetivo levantar dados sobre as representações sociais de trabalho elaboradas pela população economicamente ativa<sup>1</sup> do núcleo urbano de Porto Rico e as expectativas que a mesma nutre em relação ao que considera como trabalho possível, desejável e ideal. Além disso, também foram investigadas as perspectivas de mudanças elaboradas pela população para si própria e as suas expectativas frente ao que entendem como ganho possível, desejável e ideal.

Os trabalhos anteriores sobre as representações sociais elaborados pela população local (Tomanik, 1997; Tomanik *et al.*, 1997b), vinham se concentrando especialmente nos trabalhadores que mantêm ou que procuram manter, ainda, formas tradicionais de contato direto com o ambiente físico. A pretensão deste trabalho foi a de estender os estudos a uma população mais diversificada.

Fazendo algumas adaptações de conceitos definidos por Tomanik (1984), consideramos, neste estudo, trabalho possível aquele tido, pelos entrevistados, como viável, nas condições e no momento em que vivem; trabalho desejável aquele que os entrevistados gostariam de estar desempenhando ou de vir a desempenhar, se fossem mantidas as condições atuais e, finalmente, trabalho ideal aquele que, segundo os entrevistados, um indivíduo qualquer deveria ou poderia ter, em uma situação ideal. Definições semelhantes foram adotadas para diferenciar os níveis percebidos de ganhos.

O roteiro básico da entrevistas previa, inicialmente, as seguintes indagações:

1. Como está a vida aqui?
  - 1.1. Você trabalha?
  - 1.2. Com o quê?
  - 1.3. Você sempre trabalhou com isto?
  - 1.4. Você gosta do trabalho? Por quê?
  - 1.5. O que você ganha dá para viver?
2. Que outro trabalho você gostaria de ter, fora esse? Por quê?
  - 2.1. Você acha que o trabalho aqui pode melhorar?
  - 2.2. O que você acha que precisa acontecer para melhorar?

2.3. Quem você acha que pode estar mudando esta situação?

2.4. Você gostaria que os seus filhos seguissem a sua profissão

3. Para você, qual é o melhor trabalho do mundo? Por que?

3.1. Quanto você precisa ganhar e o que você precisa ter, para viver bem?

Como se tratava de uma entrevista semi-estruturada, o roteiro poderia sofrer (e, de fato, sofreu) modificações, em função, especialmente, do rumo que tomaram os depoimentos dos entrevistados.

Não foi estabelecido, em princípio, um número específico de participantes para a composição da amostra, já que, pela teoria, as representações sociais se acham disseminadas entre os participantes dos grupos; foram abordadas pessoas que se enquadravam no conceito de população economicamente ativa e entrevistadas as que se dispusessem livremente a participar do processo. As coletas de dados ocorreram no mês de setembro de 1998.

Realizados esses procedimentos, a amostra ficou constituída por 12 entrevistados, sendo que, destes, 7 exerciam trabalhos relacionados a terra (bóia-fria) e 5 desenvolviam atividades na região urbana, como babás, comerciantes e auxiliares administrativos. À época das entrevistas, a idade dos participante variava entre 20 e 56 anos, no primeiro subgrupo, e entre 17 e 55 anos no segundo grupo. Fizeram parte da amostra 7 mulheres e 5 homens, sendo 3 homens e 4 mulheres no primeiro subgrupo e 2 homens e 3 mulheres no segundo subgrupo.

### Resultados e discussão

Inicialmente, o estudo previa que os dados obtidos fossem analisados em conjunto, sem distinção entre os respondentes. No entanto, uma análise inicial dos dados pode revelar a existência de grupos diferenciados de representações sociais e mostrar, ainda, que estas diferenças estavam associadas às atividades econômicas exercidas pelos respondentes. Em função disto, para o tratamento dos dados, a amostra foi dividida em dois subgrupos, que foram denominados, respectivamente, subgrupo agrícola e subgrupo urbano.

A rigor, dadas as condições locais, praticamente todos os entrevistados já haviam exercido atividades típicas dos dois subgrupos e todos eles pertenciam a famílias que tinham um passado ligado às atividades agrícolas. A classificação em cada subgrupo foi realizada tomando como base tanto a ocupação atual quanto a tradição maior de atuação profissional dos

<sup>1</sup> Por população economicamente ativa entende-se o grupo de pessoas que desempenha ou que está em condições de vir a desempenhar atividades economicamente produtivas.

entrevistados. Assim, aqueles cuja atividade era essencialmente agrícola (o que inclui a existência de vínculos estreitos com a terra ou a natureza), foram classificados como pertencentes ao subgrupo agrícola. No outro grupo, foram classificados aqueles que tinham suas fontes principais de subsistência relacionadas com formas de trabalho tipicamente urbanas.

### Subgrupo agrícola

Para os entrevistados do subgrupo agrícola, o trabalho possível, para eles na região, é um bem escasso. Os participantes desse subgrupo foram praticamente unânimes em apontar, como principais dificuldades enfrentadas por eles, a escassez de oportunidades de atuação profissional em terra ou nos rios e a sazonalidade dessas oportunidades.

As poucas formas de cultivo agrícola que ainda ocorrem na região são temporárias e dependem muito pouco do emprego de mão-de-obra.

*Filha, tá difícil porque tem pessoas aqui que anda até passando fome. Porque quando tem serviço a gente trabalha, e quando não tem a gente não trabalha! Então quer dizer que a gente passa fome, passa falta de pagar uma luz, pagar uma água... (J. 55 anos, bóia-fria).*

Processo semelhante de sazonalidade acontece com a pesca, uma vez que essa é rentável efetivamente apenas durante cerca de três meses ao ano. Isso acontece porque há períodos em que a pesca é proibida por lei e outros nos quais as condições climáticas não favorecem tal atividade.

*A vida dos pescadores não tá boa não. Olha, a pesca fecha agora em novembro, você vê, durante fevereiro, março, abril, ainda pega peixe, maio vem o frio, aí ó, maio, junho, julho é frio, ninguém pega quase nada.(...), então nesses meses de frio tem que fazer outra coisa: uns arrancam batata outros pescam morenita, quando agüentam ficar lá na água, então a coisa é ruim, né?! Quando é agosto, setembro, outubro, três meses só pode trabalhar. Esses três meses o pescador começa a pescar (P. 65 anos, pescador).*

Em relação ao trabalho desejável, ou seja, a profissão que o indivíduo gostaria de estar desempenhando ou de vir a desempenhar, a maioria dos entrevistados desse subgrupo afirma desejar qualquer trabalho que possa garantir seu sustento.

A necessidade de obter o mínimo indispensável para o sustento de si e de seus familiares aparece como um elemento tão forte que os entrevistados encontram dificuldades em especificar algum tipo de trabalho no qual gostariam de estar engajados.

*De empregada, você fala? Aqui não se acha serviço de empregada. É bom serviço de empregada (...), mas*

*não acha. (...) Filha se a gente fosse pessoa estudada, na época que a gente nasceu a gente estudasse, quer dizer que a gente teria um emprego melhor, né? Mas a gente não estudou, tem que ser esse mesmo. E eu gosto deste [roça], porque eu posso fazer?! É o único que eu tenho, tem que ser este (J. 55 anos, bóia-fria).*

Processo semelhante acontece com a maioria dos entrevistados desse subgrupo quando interrogados a respeito de qual seria um trabalho ideal para eles: declaram-se dispostos a desempenhar qualquer atividade, desde que esta lhes garanta o sustento. O idealizado por praticamente todo o subgrupo é um trabalho fixo. Alguns expressam o desejo de possuir um pedaço de terra onde possam decidir o que produzir e, a partir daí tirar seu sustento.

*Ah, sei lá. Eu gosto mesmo é de trabalhar. Se fosse 'tocá uma roça', eu gostava, assim. É outra coisa 'tocá uma roça' prá gente mesmo. Prá gente mesmo. E não se ver obrigado 'pros outros' a sair todo dia pra trabalhar de bóia-fria. (...) Meu negócio é ter o que comer, daí tudo bem (A. 56 anos, bóia-fria).*

Isso provavelmente se deve ao fato de que, no histórico do trabalho de todos eles e mesmo durante o processo de ocupação recente da região, a maioria destes indivíduos, apesar de não deter a propriedade das terras (já que atuavam como arrendatários), tinha autonomia para decidir sobre os processos produtivos dos quais participava. Assim, quando as condições em que vivem lhes permite acalantar algum sonho, este se concentra em torno de uma volta ao passado.

Outros já não conseguem sequer imaginar para si qualquer forma de ocupação que não seja aquela que já vem, a duras penas, desempenhando e transferem a possibilidade de qualquer idealização para seus filhos.

*Trabalho bom, o que eu vou esperar de trabalho bom? Só se for os filhos, né? Os filhos, eu não digo nada, agora eu? É isso mesmo! (J. 55 anos, bóia-fria).*

O ganho atual, ou seja, a quantidade de dinheiro que os entrevistados desse subgrupo recebem atualmente e o modo como se utilizam desse dinheiro para viver é tido como insatisfatório pela maioria deles, pois é insuficiente para suprir suas necessidades mais elementares. O mesmo parecer é dado quando perguntados a respeito do ganho que acreditam que seja possível obter em um tipo de trabalho qualquer, nas condições atuais.

Já o ganho ideal - a quantia, em dinheiro, estimada pelos entrevistados como a suficiente para que eles tivessem condições de viver bem - é descrito como o suficiente para que possam se alimentar satisfatoriamente e pagar as despesas

mensais de seus grupos familiares. Quantitativamente, a média estipulada por eles corresponde a cerca de dois salários mínimos<sup>2</sup>.

Quando os incluídos nesse subgrupo foram questionados a respeito das perspectivas de mudanças que nutrem para o município, para a região e para as condições de vida da população, suas respostas apresentaram três tendências diversas.

A primeira foi a formada pelas respostas de pessoas que não conseguiram supor como essas mudanças poderiam vir a ocorrer. Uma segunda tendência foi manifestada por aqueles que concentram suas expectativas de mudanças na dependência das ações de algum tipo de autoridade (Deus, prefeito, governador, vereadores...).

A última tendência foi manifestada por aqueles que afirmaram que as mudanças podem ser promovidas por pessoas empreendedoras da própria comunidade, embora os entrevistados não tenham se incluído entre essas pessoas.

Uma percepção de dependência semelhante foi manifestada em relação à perspectiva de mudanças para o futuro dos filhos; para estes entrevistados, tais mudanças só devem ocorrer se promovidas por alguma autoridade ou por atores sociais externos aos seus grupos familiares.

De forma geral, pode-se dizer que a relação entre a precariedade das condições concretas de vida e a dificuldade de idealizar outras formas de existência é a característica mais marcante nos discursos dos entrevistados desse subgrupo.

#### Subgrupo urbano

No subgrupo urbano existe, igualmente, um alto grau de insatisfação com relação ao trabalho tido como possível, ou seja, com aquele que desempenham. Os entrevistados desse subgrupo apontam a escassez local de alternativas ocupacionais, que se restringem, como vimos, praticamente à Prefeitura, a alguns outros órgãos públicos e, em menor proporção, aos poucos estabelecimentos comerciais e de serviços.

*Porque o pessoal, diretamente ou indiretamente vive em prol do turismo. Eu mesmo é assim. Comerciante, todo mundo vive em prol do turismo. Mesmo que não seja diretamente, eles vivem do turismo. Emprego na cidade são poucos, poucos empregos mesmo. Eu mesmo não tenho condições de gerar emprego aqui. Gero dois empregos na marra, mais do que isso não tenho condições. Os empregos aqui, o que tem mais são os públicos (J. 20 anos, comerciante).*

Sobre o trabalho desejável, os relatos desses entrevistados mostram que eles têm sido obrigados a abdicar de seus desejos para suprir suas necessidades básicas, ou seja, entre o desejável e o possível, eles têm sido forçados a optar pelo possível, como forma de continuar garantindo seu sustento.

*A situação de vida?... A vida é boa. O que falta aqui é emprego. Não tem muita opção. Ou é a Prefeitura ou é a lavoura, que nem tem mais também, né? Mas é meio difícil. (...) Dá para viver, né? Bem, depende assim da vida de cada um. Aqui a gente, você vê, não tem conforto nenhum, vive assim. Você trabalha para comer, né? Mas dá para viver bem. (...) Um trabalho que eu gostaria de ter? ... Ah, eu sempre tive vontade de ser repórter! (...) Mas não tem condições, né? De estudar ... (J. 29 anos, auxiliar administrativo).*

Em conseqüência disso, o trabalho desejável para a maioria desses entrevistados acaba por ser igual ao que já executam. Ao contrário do subgrupo anterior, entretanto, os classificados como fazendo parte desse subgrupo conseguem idealizar formas de trabalho que sejam capazes de trazer-lhes, além dos ganhos materiais, algum grau de satisfação pessoal.

*Para mim, eu acredito que eu ia gostar muito de ser advogado. Eu ia me sentir bem trabalhando como advogado (J. 20 anos, comerciante).*

A possibilidade de idealizarem carreiras profissionais diferenciadas das atividades que executam atualmente provavelmente se deve ao fato de que esses indivíduos possuem suas necessidades básicas atendidas. No entanto, talvez pelo esforço que despendem tentando manter este nível básico de satisfação, os entrevistados não evidenciam estar buscando concretizar seus ideais.

*O melhor trabalho do mundo? Aquele que você está satisfeito, aquele que você tem uma renda boa pra sustentar a família. O melhor trabalho é aquele que você faz com vontade, com toda a força que você tem, você tá trabalhando (...). Agora aqui ainda tá difícil chegar a esse ponto; eu tô assim, digamos, numa escala de 0 a 100, eu tô 60% satisfeito (J. 20 anos, comerciante).*

Em relação ao ganho ideal, a quantia é estimada entre R\$ 600 e R\$ 2.000 reais, faixa bem acima da estimada como ideal pelo subgrupo agrícola. Os participantes do subgrupo urbano citam o lazer e a necessidade de usufruir de algum conforto como partes integrantes de seus sonhos e desejos.

*Porque no meu modo de ver, viver bem, né, ter o seu carro, a sua casa, a sua vida, depois do trabalho poder se divertir... (J. 20 anos, comerciante).*

Os entrevistados desse subgrupo conseguem vislumbrar possibilidades de mudanças para o

<sup>2</sup> Na época das entrevistas, o salário mínimo equivalia a aproximadamente R\$ 136,00.

município, principalmente decorrentes de possíveis investimentos no turismo e na agricultura, porém não se percebem como possíveis agentes destas transformações. Também para eles seria necessária alguma forma de ação externa para que essas mudanças possam vir a acontecer.

*Eu acho que com a vinda dessas pequenas indústrias melhoraria o serviço (...). Os vereadores daqui, os vereadores de Paranavaí, né, os Deputados e o próprio Governador (M. 18 anos, desempregado).*

As expectativas de mudanças dos entrevistados com relação aos filhos não puderam ser encontradas nas análises, visto que os mesmos não possuíam filhos.

A Tabela 1, apresenta uma tentativa de síntese dos posicionamentos de cada um dos subgrupos.

**Tabela 1.** Sínteses das representações sociais elaboradas pelos subgrupos, para as categorias de análises

Categorias de Análise	Subgrupos	
	Agrícola	Urbano
	Trabalho	
Possível	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ligado a terra ou ao rio</li> <li>• Sazonalidade</li> <li>• Escassez</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Insatisfação</li> <li>• Escassez</li> </ul>
Desejável	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Difícil reconhecer</li> <li>• Que garanta sustento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entre o ideal e o possível optam pelo possível, como forma de garantir a satisfação das necessidades básicas</li> </ul>
Ideal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não conseguem idealizar</li> <li>• Autonomia</li> <li>• Fixo</li> <li>• Não importa qual.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conseguem idealizar</li> <li>• ligado à satisfação pessoal</li> <li>• Embora consigam idealizar, na prática não estão buscando isso</li> </ul>
	Ganho	
Atual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Insatisfatório até para subsistir</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não é o sonhado, mas é razoável</li> </ul>
Possibilidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Insuficiente mesmo para as necessidades básicas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Suficiente para suprir as necessidades básicas</li> </ul>
Ideal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que garanta subsistência (de 1 a 2 salários mínimos)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que garanta boa qualidade de vida, conforto, lazer (de R\$ 600,00 a R\$ 2.000)</li> <li>• Percebem limitações para atingí-lo</li> </ul>
	Perspectivas	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não conseguem apontar</li> <li>• Dependência</li> <li>• Esperança só para os filhos</li> <li>• Atuação local, mas não pessoal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Investimento no turismo e na agricultura</li> <li>• Dependência</li> </ul>

### Considerações finais

Estudos sobre as representações sociais, normalmente, têm a capacidade de tornar claro o quanto as distinções entre o que poderia ser chamado de “condições concretas” e o que normalmente é considerado, até de forma diminutiva, como “disposições subjetivas” são frágeis e dificilmente podem ser sustentadas, tal é o grau e a

complexidade de relações que estabelecem, entre si, os vários elementos que compõem a vida em sociedade.

No caso específico do subgrupo agrícola, por um lado, temos algumas de suas falas e muitas de suas práticas que demonstram a existência de um grande apego a formas tradicionais de vida, que incluem, entre outros elementos, atividades de trabalho relativamente livres e pouco parceladas, nas quais o grupo familiar, liderado normalmente pelo homem mais velho ou mais saudável, não apenas dominava, tecnicamente, o ciclo de produção agrícola como detinha os poderes de decisão e de controle sobre as atividades. Essas formas de trabalho, que incluíam estreito contato com a natureza vêm, progressiva e rapidamente, sendo inviabilizadas na região. Isoladamente, este dado poderia sugerir que é este apego às formas tradicionais que os mantêm, ainda que a duras penas, buscando este tipo de atividade.

Por outro lado, as expressões dos mesmos entrevistados trazem, de forma explícita, o reconhecimento de que eles não estão preparados nem se sentem capazes de adquirir os conhecimentos e habilidades necessários para o exercício de atividades mais típicas dos meios urbanos, especialmente dos mais amplos e industrializados.

Por isto, sonham, quando se permitem, com uma volta ao passado, que sabem que não vai ocorrer. Quando não, limitam-se a desejar o mínimo para continuar sobrevivendo e transferem para os filhos suas expectativas de melhores condições de vida e de trabalho.

Para os participantes do subgrupo urbano, as condições relativamente melhores de trabalho e de adaptação a ele permitem, ao menos, a elaboração, ainda que limitada e cautelosa, deste tipo de expectativas. No entanto, a existência, ainda que em grau menor, do mesmo tipo de limitações pessoais e do mercado de trabalho local, dificulta e impede a efetivação de ações que visem concretizar aquelas aspirações.

A explicitação destas interações traz, de imediato, algumas contribuições.

No plano teórico, um estudo anterior, Tomanik (1997:417), levantava a possibilidade de

*... que grupos diferentes, inseridos de formas diferenciadas no mesmo espaço geográfico e enfrentando dificuldades distintas, desenvolvam sistemas de representações sociais e formas de relações interpessoais e com a natureza coerentemente diversas entre si.*

As diferenças manifestadas pelos entrevistados enquadrados em cada um dos subgrupos mostram o

quanto, em um espaço de tempo relativamente curto, as condições de inserção e de participação no ambiente social podem determinar (e, por sua vez, serem influenciadas) por sistemas de representações que, embora possam manter alguns núcleos comuns, contêm interpretações, valores e aspirações que os tornam não apenas diferenciados, mas divergentes.

No plano prático, dois outros fatores, evidenciados por este processo de pesquisa, devem ser considerados. O primeiro diz respeito ao processo de deterioração, ainda que parcial, das Identidades dos entrevistados. Tanto em um como em outro subgrupo, nenhum dos entrevistados, em momento algum, mostrou considerar-se como capaz de promover ou mesmo de participar, ainda que minimamente, de qualquer tentativa de alteração nas condições de vida, pessoais, familiares ou da comunidade como um todo.

Um processo como este deve ser considerado, uma vez que determina um direcionamento para quaisquer ações que se pretenda empreender junto a esta população, visando este objetivo. É preciso que essas ações visem não apenas promover alterações nas condições tidas como “materiais” ou “externas”, mas que, simultaneamente, considerem a necessidade de mudanças nas formas de ação e nas concepções que os envolvidos mantêm sobre si mesmos, individual e coletivamente.

O segundo fator, igualmente importante, é a necessidade de um direcionamento diferenciado de ações para a qual os dados apontam. Constatadas as diferenças de expectativas, de modelos de condutas e de disposições, tentativas posteriores de atuação não mais junto ao grupo como um todo, mas junto aos subgrupos específicos, devem levar em conta as peculiaridades dos mesmos.

## Referências

- AGOSTINHO, A. A.; ZALEWSKI, M. *A planície alagável do alto rio Paraná: importância e preservação*. Maringá: Eduem, 1996.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. *O que é realidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEME, M. A. V. da S. O impacto da teoria das Representações Sociais. In: SPINK, M. J. *O conhecimento no cotidiano - as representações sociais na perspectiva da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. Parte I, cap. 2, p. 46-57.
- MOTA, L. T. *As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1796 - 1924)*. Maringá: Eduem, 1994
- ROSA, M. C. Processo de Ocupação e situação atual. In: VAZZOLER, A. E. A. de M. et al. *A planície de inundação do alto rio Paraná - Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: Eduem, 1997. cap. III-1, p. 371-394.
- TOMANIK, E. A. *A auto-percepção da marginalidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Comunitária) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1984.
- TOMANIK, E. A. Elementos sobre as representações sociais dos pescadores “profissionais” de Porto Rico. In: VAZZOLER, A. E. A. de M. et al. *A planície de inundação do alto rio Paraná - Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: Eduem, 1997. cap. III-3, p. 415-434.
- TOMANIK, E. A. et al. A vida na região: dados socioeconômicos do núcleo urbano de Porto Rico. In: VAZZOLER, A. E. A. de M. et al. *A planície de inundação do alto rio Paraná - Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: Eduem, 1997a. cap. III-2, p. 395-414.
- TOMANIK, E. A. et al. Ocupação do espaço, exclusão e representações: uma contribuição da Psicologia Social aos estudos ambientais. In: ZANELLA, A. V. et al. (Org.). *Psicologia e Práticas Sociais*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 1997b. Seção 3, p. 255-268.

Received on July 24, 2001.

Accepted on November 07, 2001.